

Brasil e bancos credores

omia

sábado, 3/12/88 □ 1º caderno □ 17

não reabrem negociações

Rosental Calmon Alves
correspondente

WASHINGTON — A frente financeira externa do Brasil voltou a se complicar, devido à falta de cumprimento pelo país dos compromissos assumidos nos acordos com o FMI e os bancos credores, mas até o momento as partes interessadas ainda não estão pensando no início de novas rodadas de negociações. Os altos funcionários brasileiros que se reuniram com banqueiros e autoridades financeiras em Nova Iorque e Washington nos últimos dois dias não tinham poderes para negociar e faziam apenas "consultas informais".

Essa é a explicação de fontes brasileiras e americanas para a missão que o assessor Internacional do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, e o diretor da área externa do Banco Central, Armin Lore, realizaram nos Estados Unidos ontem e anteontem. Na quinta, os dois estiveram com os banqueiros integrantes da comitê coordenador da dívida Brasileira, em Nova Iorque. Os 14 bancos estavam presentes e o encontro foi presidido, como de costume, por William Rhodes, do Citibank.

Um dos banqueiros disse que o Brasil não propôs a reabertura das negociações. Eles (Amaral e Lore) fizeram apenas um relato da situação macroeconômica do país, das dificuldades que o governo está encontrando no combate à inflação. Foi apenas um reunião para uma análise da situação brasileira, disse o banqueiro, que pediu para não ser identificado e tentou esquivar-se de maiores detalhes.

Além dos problemas com FMI e com o Banco Mundial, o Brasil está lançando também balões de ensaio para ver como os banqueiros reagirão a certas mudanças nos acertos contidos no acordo de reescalonamento da dívida assinado em setembro. Os dois pontos básicos que o Brasil não parece dispo-

to a cumprir são relativos à conversão de partes da dívida em investimentos de risco e o *relending*, autorização aos bancos para que reemprestem seus próprios fundos depositados em cruzados no Banco Central, ganhando assim com as novas operações.

No combate à inflação, está ficando claro que os dois métodos ajudam a expansão da base monetária, ou seja, aceleram a emissão de dinheiro, aumentam a liquidez, ajudando os preços em sua tendência altista. Os banqueiros reagem, em geral, negativamente a essas mudanças, pois contam com bons lucros nas duas operações que o Brasil quer mudar.

"Não houve nenhuma negociação sobre a conversão. Nem podia ter havido porque esse assunto está ainda sendo revisto pelo Brasil", disse o banqueiro novaiorquino, ouvido pelo JORNAL DO BRASIL. Ele procurou insistir em que, apesar dos problemas surgidos recentemente, a situação do Brasil em sua frente financeira externa não se deteriorou muito.

"Tudo está sendo resolvido. O problema com o FMI, por exemplo, ficará solucionado tão logo esteja pronto o orçamento brasileiro para 1989. A situação com o Banco Mundial (para concessão do empréstimo ao setor elétrico, considerado condição para o desembolso de dinheiro novo pelos bancos comerciais) é mais complicada mas acabará sendo resolvida com atraso. Aí então vamos liberar o dinheiro novo", disse o banqueiro.

Ontem, Armin Lore prosseguiu seus contatos em Nova Iorque, enquanto Sérgio Amaral tinha um dia ocupado em Washington. Foi recebido pelo número dois para América Latina no Departamento de Estado, Michael Skol, e por seu contraparte no Departamento do Tesouro, David Mulford. Depois, teve reuniões no Banco Mundial, para conversar sobre o impasse das negociações sobre o empréstimo de 500 milhões de dólares para reabilitação financeira do setor elétrico.